

"UM DOS MELHORES LIVROS DE FANTASIA ÉPICA DE TODOS OS TEMPOS."
- ANNE MCCAFFREY

GUY GAVRIEL KAY
TIGANA
A VOZ DA VINGANÇA - LIVRO DOIS



Ele deu a eles aquilo que exigiram. Obedeceu ao comando, mas não triste ou desafiador, e não com o peso da vergonha.

Com os pés sobre a terra de seus ancestrais, firme diante da casa de sua família, ele olhou diretamente para o sol e deixou o nome explodir de dentro de sua alma.

— Tigana! — gritou ele, para que todos pudessem ouvir.

manifesto da coleção bang!

Este é o nosso compromisso com você:

*Queremos ser a melhor coleção de
literatura fantástica do Brasil.*

*Vamos publicar apenas os grandes
livros dos grandes autores.*

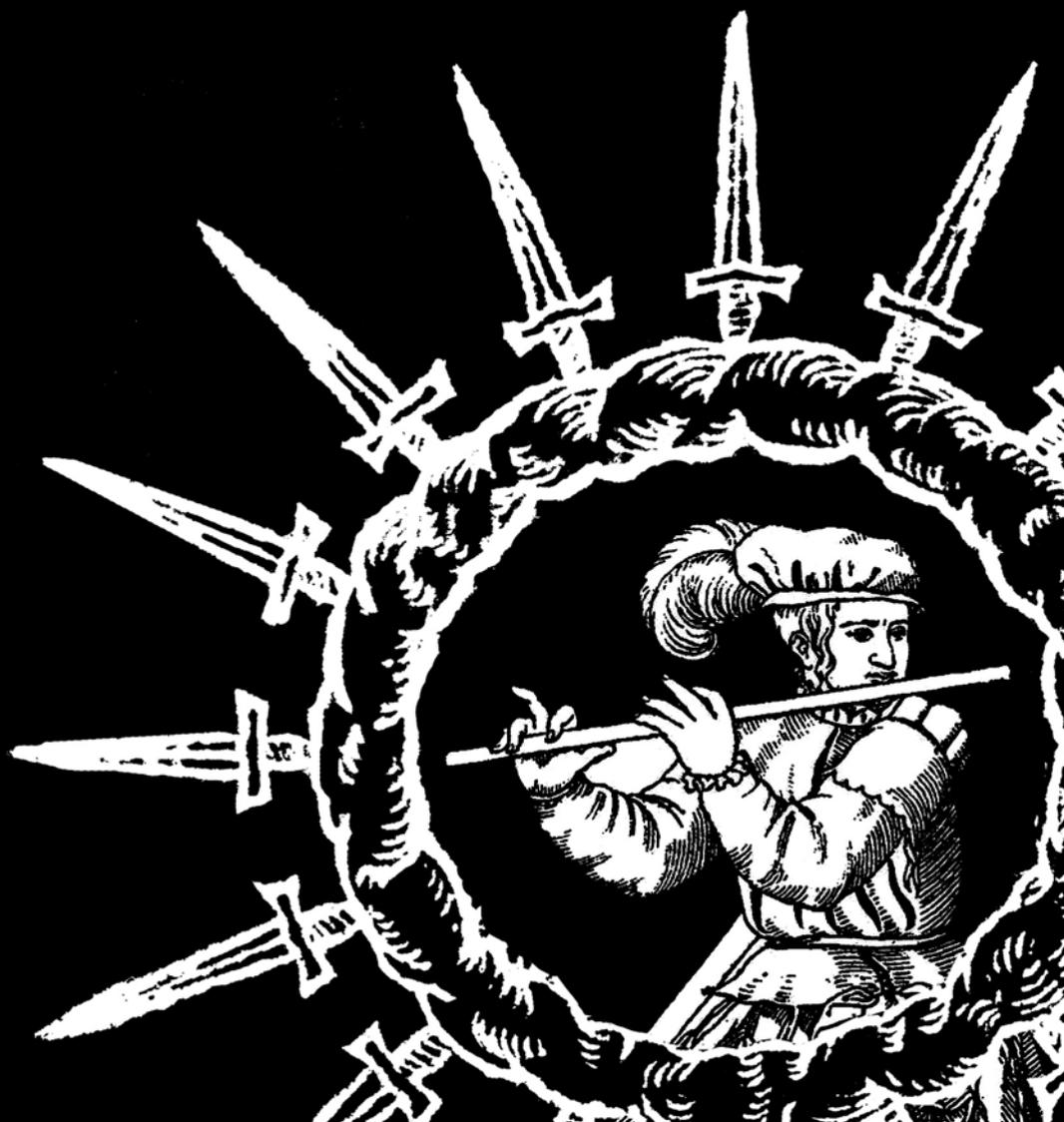
*Todas as obras são válidas, desde que
ignorem as limitações do realismo.*

Queremos mexer com a sua cabeça.

Mas um click não basta.

É preciso um Bang!

tigana – a voz da vingança



SUMÁRIO

Capítulo I	9
Capítulo II	45
Parte Quatro – O preço do sangue	69
Capítulo III	71
Capítulo IV	97
Capítulo V	125
Capítulo VI	163
Capítulo VII	199
Capítulo VIII	233
Capítulo IX	261
Capítulo X	281
Epílogo	321
Trecho de <i>Mago Aprendiz</i>	328



YGRACH

KHAROHUN

A PENÍNSULA DE PALMA

BARBADIOR

Ilha de farsaro

CHIARA

Sangarios

SENZIO

Arquipélago

ASOLI

FERRAUT

SCIBAR

Golfo de Corte

Corso

Ciorone

Borifort

Ardin

CORTE

TREGEA

CERTANDO

Rio Sperlion

Rio Deisa

forese

Sinave

Ortiz

Castelo de Barso

Casadel

BAIXA CORTE

Stevanien

Santuário de Eanna

MONTANDAS SPARONI

MONTANDAS BRACCIO

MONTANDAS PARRAVI



QUILEIA

CAPÍTULO I

Elena estava na porta da casa de Mattio, acompanhando com os olhos a estrada sombria até o fosso, a ponte levadiça erguida, observando as velas tremerem e depois se apagarem, uma a uma, nas janelas do Castelo de Barso. De tempos em tempos, alguém passava por ela para entrar na casa — dava apenas um aceno ou fazia uma saudação breve, quando se dignava a tanto. Uma noite de batalha se aproximava e todos os que chegavam sabiam disso.

Do vilarejo atrás dela não vinha nenhum som; nenhuma luz. Todas as velas tinham sido apagadas fazia tempo, as fogueiras extintas, as janelas cobertas; até mesmo as frestas na base das portas tinham sido tapadas com roupas e trapos. Os mortos andavam por aí na primeira Noite das Brasas, todos sabiam disso.

Quase nenhum ruído vinha de dentro da casa, apesar de já terem chegado entre quinze e vinte pessoas, que se amontoaram na propriedade de Mattio, nos limites da aldeia. Elena não sabia quantos Andarilhos ainda se juntariam a eles ali ou no ponto de encontro, mais tarde. Só sabia que seriam poucos. Não estavam em número suficiente no último ano nem no ano anterior, e tinham perdido feio aquelas batalhas. As guerras das Noites das Brasas estavam matando os Andarilhos mais rápido do que os jovens, como Elena, chegavam à idade de substituí-los. Por isso, continuavam a perder a cada primavera; por isso, era quase certo que também perderiam naquela noite.

Era uma noite estrelada, com apenas uma lua acima do horizonte — o pálido crescente de Vidomni que já minguava. Fazia frio ali, nas terras altas, no comecinho da primavera. Elena passou os braços ao redor de si, agarrando os cotovelos com as mãos. Em apenas algumas horas, o céu teria mudado e ela sentiria uma sensação totalmente diferente à noite, quando a batalha começasse.

Carenna entrou, dando um sorriso rápido e caloroso, mas sem se deter. Não era a hora de conversas. Elena estava preocupada com ela, que tinha dado à luz havia duas semanas. Era cedo demais para estar fazendo aquilo, mas precisavam dela, precisavam de todos, pois a Noite das Brás não seria adiada por ninguém, homem ou mulher, nem por nada que acontecesse no mundo diurno.

Ela acenou em resposta a um casal que não conhecia. Eles seguiram Carenna e passaram por ela para entrar na casa. Tinham poeira na roupa, provavelmente vinham de muito longe, do leste, programando-se para chegar ali depois do pôr do sol e do fechamento das portas e janelas, tanto na cidade quanto nas solitárias casas de fazenda, espalhadas pelos campos. Atrás daquelas portas e janelas, Elena sabia que o povo das terras altas do sul estaria esperando, rezando no escuro. Orando para que viesse a chuva e depois o sol, para que a terra fosse fértil na primavera e no verão, até a grande colheita do outono; para que as sementes de grãos e de milho germinassem quando semeadas, ficassem raízes e então se erguessem do rico solo escuro e úmido, amarelas e cheias de promessas maduras. Pedindo, mesmo que totalmente alheios em suas casas escuras ao que se passava do lado de fora, que os Andarilhos da Noite salvassem os campos, a estação, os grãos, para que salvassem e socorressem suas vidas.

Elena ergueu a mão e tocou instintivamente o pequeno amuleto de couro que usava ao pescoço. O amuleto continha os restos enrugados do pelico em que nascera. Assim como todos os Andarilhos, ela havia saído do útero materno ainda envolta na bolsa amniótica, a membrana transparente que se desenvolve em torno do embrião durante a gestação.

As parteiras no restante da Palma consideravam o pelico um símbolo de boa sorte. Segundo diziam, crianças nascidas “empelicadas” estavam destinadas a uma vida abençoada pela Tríade.

Mas ali, naquelas remotas fronteiras no sul da Península, naquelas selvagens terras altas ao pé das montanhas, a tradição e os ensinamentos eram outros. Ali, os antigos ritos iam mais fundo, mais longe, e eram passados de mão em mão, de boca em boca, desde suas origens, muito tempo atrás. Nas terras altas de Certando, a criança nascida empelicada não estava protegida de morrer no mar ou ingenuamente destinada a ter boa sorte.

Era marcada para a guerra.

Para aquela guerra, travada a cada ano na primeira Noite das Bragas, que anunciava o começo da primavera e do ano. Travada nos campos e pelos campos, pelas sementes ainda não germinadas que eram esperança e vida, a promessa de renovação da terra; por aqueles que estavam nas grandes cidades isolados das verdades da terra, aqueles que ignoravam aquelas coisas; por todos que viviam em Certando, encolhidos atrás de suas paredes, que sabiam apenas o bastante para rezar e ter medo dos sons na noite em que os mortos poderiam andar livremente por ali.

Por trás de Elena, uma mão tocou seu ombro. Ela se virou para encontrar Mattio olhando-a, questionador. Ela balançou a cabeça, ajeitando o cabelo para trás.

— Nada ainda — disse.

Mattio não respondeu, mas o luar pálido deixava entrever seus olhos sombrios acima da barba negra e cheia. Ele apertou o ombro de Elena, um gesto automático para tentar tranquilizá-la, antes de se virar e entrar em casa.

Ela ficou observando enquanto ele caminhava, pisando forte, sólido e capaz. Pela porta aberta, viu quando se sentou de novo à mesa comprida, diante de Donar. Olhou para os dois por um tempo, pensando em Verzar, no amor e no desejo.

Voltou-se para olhar de novo a noite e a imensa silhueta do castelo. Passara a vida toda na sombra daquela construção e, de repente, sentiu-se velha, muito mais do que realmente era. Tinha dois filhos pequenos, que, naquela noite, dormiam com os avós em uma daquelas cabanas fechadas em que nenhuma chama queimava. Também tinha um marido que dormia sob a terra — uma perda entre tantas na terrível batalha do ano anterior, quando o número de Outros parecia ter crescido como nunca antes, malévolos e cruelmente triunfantes.

Verzar morreu poucos dias depois da derrota, assim como todas as vítimas das batalhas noturnas.

Os que eram tocados pela morte nas guerras das Noites das Bragas não caíam nos campos. Eles reconheciam aquele toque frio e decisivo em suas almas — Verzar tinha dito que era como um dedo no coração — e voltavam para casa, para dormir, acordar e caminhar por um dia, uma semana ou um mês antes de se renderem ao fim que os tinha alcançado.

Ao norte, nas cidades, falava-se do último portal de Morian, da graça por que tanto ansiavam em seus Salões sombrios, das intervenções sacerdotais invocadas com velas e lágrimas.

Aqueles nascidos empelicados nas terras altas do sul, que lutavam nas guerras das Brasas e viam as silhuetas dos Outros que iam lutar ali, não falavam disso.

Não que fossem tolos o bastante para negar a existência de Morian dos Portais, de Eanna ou de Adaon — apenas sabiam que existiam poderes mais antigos e sombrios que a Tríade, poderes que ultrapassavam a Península. Donar falara, certa vez, em poderes que iam além do próprio mundo, com suas duas luas e seu sol. Uma vez por ano, os Andarilhos da Noite de Certando viam — ou eram forçados a ver — uma parte dessas verdades, sob um céu que não era o deles.

Elena sentiu um calafrio. Sabia que mais Andarilhos seriam convocados pela morte naquela noite, o que os deixaria em ainda menor número para o ano seguinte e para o que viria depois. Onde aquilo iria acabar, ela não sabia. Não fora educada naqueles assuntos. Tinha 22 anos, era mãe, viúva e filha de um carpinteiro das terras altas. Também fora uma criança nascida com o pelico dos Andarilhos da Noite em uma época em que eles perdiam todas as batalhas, ano após ano.

Também era conhecida por ter a melhor visão noturna entre eles, e, por isso, Mattio a tinha colocado na porta, vigiando a estrada em busca daquele que Donar dissera que viria.

Fora uma estação de seca; o fosso, como ele esperava, estava raso. Houve uma época, muito tempo antes, em que os senhores do Castelo de Barso tinham prazer em deixar o fosso repleto de criaturas assassinas. Baerd não esperava encontrá-las, não agora, depois de tanto tempo.

Ele atravessou, com água até os quadris, sob as estrelas e a luz fraca de Vidomni no céu. Estava frio, mas muitos anos já tinham passado desde que se sentira realmente incomodado pelo clima. Tampouco se perturbava por estar ao ar livre em uma Noite das Brasas. Na verdade, com o passar dos anos, aquilo tinha se tornado um ritual: saber que ao redor da Palma as pessoas observavam e marcavam os dias santos, esperando na escuridão silenciosa atrás de suas paredes, oferecia-lhe o profundo sentimento de solidão de que sua alma precisava. Ele era intensamente atraído pela sensação de andar por um mundo que mal respirava, agachado sob as estrelas na escuridão primordial, sem que nenhum fogo mortal respondesse ao céu, somente as chamas que porventura a Tríade criasse para si com os relâmpagos caídos do céu.

Se havia fantasmas e espíritos acordados naquela noite, ele queria vê-los. Se os mortos de seu passado estivessem caminhando ali, queria implorar seu perdão.

Sua própria dor nascia de imagens que não o deixavam em paz. Imagens de serenidade desaparecida, de mármore pálido debaixo de um luar como aquele, de pórticos graciosos formados por harmonias que custariam a vida do estudioso que quisesse entendê-las; de vozes baixas, quase compreendidas por uma criança sonolenta no quarto ao lado e da gargalhada certa e confiante que se seguia; da luz do sol no quintal tão familiar e da mão firme e forte de um escultor em seu ombro. A mão de seu pai.

E então fogo e sangue e cinzas ao vento, deixando o sol do meio-dia vermelho.

Fumaça e morte, mármore marretado até se tornar apenas destroços, a cabeça do deus voando, batendo como uma pedra na terra queimada e sendo moída sem remorsos, até se tornar um pó fino como areia. Como a areia das praias em que andara na escuridão depois, naquele mesmo ano infinito e sem sentido, à beira do mar frio e insensível.

Aquelas eram as visitantes sombrias, as companheiras de suas noites, aquelas e outras, inúmeras, que o acompanhavam por quase dezoito anos. Ele carregava na bagagem, como uma carroça presa em seus ombros, como uma pedra em seu coração, imagens de seu povo — seu mundo destruído e seu nome aniquilado. Verdadeiramente aniquilado: um som que, ano após ano, afastava-se cada vez mais das costas do mundo dos homens, como o mar recuando na hora cinzenta de um amanhecer de inverno. Como se fosse essa maré, mas diferente — afinal, marés voltam.

Aprendeu a viver com as imagens por não ter outra escolha, a menos que se render fosse uma escolha. Ou morrer. Ou se refugiar na loucura como sua mãe tinha feito. Ele se definiu por suas dores, conhecidas como outros homens conheciam os contornos das próprias mãos.

Mas a única coisa que o fazia ficar acordado, banido definitivamente do sono ou de qualquer outro descanso, que o forçava a estar ao ar livre, não tinha a ver com aquelas coisas. Não era um vislumbre de uma grandiosidade passada, nem uma imagem de morte e perda. Ao contrário, era, acima de todas as coisas, a memória do amor entre as cinzas da ruína.

No escuro, não conseguia manter suas barreiras contra a memória de uma primavera e de um verão com Dianora, com sua irmã.

Assim, Baerd saía para as noites da Palma — duplamente enluaradas, com apenas uma lua ou escura, somente com as estrelas. Saía por entre as colinas cobertas de urze de Ferraut no verão, pelos vinhedos carregados de Astibar ou Senzio, no outono, por entre as encostas montanhosas cobertas de neve em Tregia ou ali, numa Noite das Brasas no começo da primavera nas terras altas.

Ele andava na escuridão envolvente, sentia o cheiro da terra, sentia o solo, ouvia a voz do vento do inverno, saboreava frutas e água, ficava deitado sem se mover em uma árvore para observar os predadores noturnos caçando. E, muito raramente, em emboscada ou quando desafiado por mercenários, Baerd matava. Era um predador noturno por si só, incansável, que logo desaparecia. Um outro tipo de fantasma, já que uma parte dele morrera com aqueles que haviam sido derrotados no rio Deisa.

Por todos os cantos da Palma continental, exceto no seu, de onde partira havia muito tempo, tinha feito aquilo por anos a fio, sentindo o lento passar das estações, aprendendo o significado da noite em uma floresta e em um campo, na beira de um rio escuro ou nas serras montanhosas, indo para a frente, para trás e para os lados, tentando alcançar uma libertação que sempre lhe era negada.

Ele já estivera nas montanhas altas muitas vezes na Noite das Brasas daquela estação. Ele e Alessan conheciam Alienor de Barso havia muito tempo e tinham compartilhado muitas coisas com ela. Além disso, havia outra razão — ainda mais importante — para eles irem até as montanhas do sul a cada dois anos naquela mesma época. Ele pensou nas notícias do oeste. Em casa. Lembrou-se da expressão no rosto de Alessan ao ler a carta de Danoleon e seu coração se apertou. Deixaria, porém, aquilo para o dia seguinte; era um fardo de Alessan, mais do que seu, por mais que ele quisesse — como sempre queria — compartilhar ou aliviar aquele peso.

Aquela noite era dele e o chamava. Sozinho na escuridão, mas de mãos dadas com uma Dianora sonhada, ele se afastou do castelo. Antes, sempre se dirigia para o oeste e depois para o sul de Barso, fazendo um caminho tortuoso pelas colinas abaixo da Passagem de Braccio. Naquela noite, contudo, sem nenhuma razão conhecida por ele, seus passos o guiaram na outra direção, para sudeste. Eles o levaram pela

estrada até o limite do vilarejo que ficava perto das muralhas do castelo. Ali, enquanto passava por uma casa com a porta aberta, Baerd viu uma mulher de cabelos claros ao luar, como se estivesse esperando por ele, e parou.

Sentado à mesa, resistindo mais uma vez à tentação de contar quantos eram, tentando fingir que tudo estava normal naquela noite de guerra, Mattio ouviu, do lado de fora, Elena chamar seu nome e depois o de Donar. Sua voz estava baixa, como sempre, mas seus sentidos estavam concentrados nela, como sempre haviam estado. Mesmo antes de o pobre Verzar morrer.

Olhou para o outro lado da mesa, para Donar, mas o Ancião já estava pegando suas muletas e se levantando para se balançar em sua única perna até a porta. Mattio o seguiu. Alguns dos outros observaram, nervosos e apreensivos. Ele forçou um sorriso tranquilizador. Carenna percebeu toda essa movimentação e começou uma conversa reconfortante com aqueles que estavam mais visivelmente nervosos.

O próprio Mattio não estava muito tranquilo quando saiu com Donar e viu que alguém havia chegado. Um homem de cabelos escuros e barba bem-feita, de estatura mediana, estava parado diante de Elena, olhando para ela e para os outros dois, sem falar. Ele tinha uma espada pendurada em uma bainha nas costas, à maneira tregeana.

Mattio olhou para o Ancião, que mantinha o rosto impassível. Apesar de toda a sua experiência na guerra das Noites das Brasas e do dom de Donar, ele sentiu um calafrio.

Alguém deve vir, o líder havia anunciado na noite anterior. E agora realmente alguém aparecera ali, ao luar, na hora que antecedia a batalha. Mattio se virou para Elena; seus olhos não deixavam de fitar o estranho. Ela estava de pé, muito ereta, magra e imóvel, as mãos segurando os cotovelos, escondendo seu medo e sua surpresa o melhor que podia. Mas Mattio passara anos observando-a e podia ver que sua respiração estava rápida e curta. Ele a amou por estar ali, parada, e por tentar esconder seu medo.

Olhou de relance para Donar de novo e deu um passo à frente, estendendo duas palmas abertas para o estranho.

— Seja bem-vindo — disse calmamente —, apesar de não ser uma boa noite para se andar por aí.

O outro acenou, concordando. Os pés, afastados, estavam firmes no chão. Ele parecia saber usar aquela espada.

— Tampouco, pelo que entendo das terras altas, é uma noite para ficar com as portas e janelas abertas — respondeu.

— E por que você acha que entende as terras altas? — disse Mattio, rápido demais. Elena ainda não desviara os olhos daquele homem. Tinha uma expressão estranha no rosto.

Movendo-se para mais perto dela, Mattio percebeu que já tinha visto aquele homem antes. Ele tinha vindo várias vezes ao castelo. Músico, pelo que ele se lembrava, ou algum tipo de comerciante. Um daqueles homens sem pátria que ficavam eternamente viajando pelas estradas da Palma. Seu coração, que havia se animado ao ver a espada, perdeu um pouco do entusiasmo.

O estranho não respondeu ao comentário mordaz. Parecia, pelo que a luz da lua revelava, pensar no assunto. Foi quando surpreendeu Mattio.

— Desculpe-me. Se invado um costume por causa da minha ignorância, peço desculpas. Tenho meus motivos para andar hoje à noite. Eu os deixarei em paz.

Ele realmente se virou com a intenção de partir.

— Não! — bradou Elena, com urgência.

Ao mesmo tempo, Donar tomou a palavra pela primeira vez.

— Não haverá paz esta noite — disse, naquela voz profunda na qual tanto confiavam. — E você não está invadindo. Senti que alguém viria pela estrada. Elena estava esperando por você.

Ao ouvir isso, o estranho se virou. Seus olhos pareciam maiores no escuro, e algo novo, mais frio e calculista, brilhava neles.

— Viria para quê? — perguntou.

Houve um silêncio. Donar trocou as muletas e se balançou para a frente. Elena foi para o lado para deixá-lo ficar diante do estranho. Mattio olhou para ela, com o cabelo caindo sobre o ombro, quase branco ao luar. Ela não tirou os olhos do homem de cabelos escuros. Que encarava Donar fixamente.

— Viria para quê? — perguntou, novamente, ainda bastante calmo.

E, mesmo assim, Donar hesitou. Naquele momento, Mattio percebeu, chocado, que o moleiro, seu Ancião, estava com medo. Um aperto nauseante de apreensão cresceu nele, pois subitamente entendeu o que Donar estava prestes a fazer.

Então, ele o fez. Ele os revelou para alguém do norte.

— Nós somos os Andarilhos da Noite de Certando — disse, a voz firme e profunda. — E esta é a primeira Noite das Brasas da primavera. Esta é a nossa noite. Preciso perguntar: quando você nasceu, havia alguma marca? As parteiras que o ajudaram a nascer declararam algum sinal de benção?

Lentamente, Donar colocou a mão dentro da camisa, tirando o amuleto de couro que usava ao pescoço, aquele que guardava o pelico que o marcara no nascimento. Pelo canto dos olhos, Mattio viu Elena morder o lábio inferior. Ele olhou para o estranho, vendo-o absorver o que Donar dizia, e começou a calcular suas chances de matá-lo, caso fosse necessário.

Dessa vez, o silêncio foi ainda maior. Os sons abafados da casa atrás deles pareciam muito altos. Os olhos do homem de cabelos escuros estavam arregalados e sua cabeça muito erguida. Mattio podia ver que ele ponderava sobre o que estava por trás do que havia sido revelado.

Ainda sem falar, o estranho levou uma das mãos ao pescoço e puxou de dentro da camisa, para que os outros três pudessem ver à luz da lua e das estrelas, o pequeno amuleto de couro que ele também usava.

Mattio ouviu um som baixo, um suspiro de alívio, e só percebeu depois que havia sido dele.

— “A Terra seja louvada... — murmurou Elena, sem conseguir se conter. Seus olhos estavam fechados.

— “A Terra e tudo o que dela nasce e depois retorna... — completou Donar. Sua voz, surpreendentemente, estava trêmula.

Deixaram que Mattio finalizasse.

— “Retorna para nascer mais uma vez, no ciclo que não tem fim” — disse, olhando para o estranho, para o amuleto que usava, quase igual ao seu, ao de Elena, ao de Donar, ao de todos eles.

Foi com as palavras de invocação ditas em sequência pelos três que Baerd finalmente entendeu com o que havia encontrado.

Duzentos anos antes, em uma época de pestes que pareciam não ter fim, de colheitas ruins, de sangue e violência, a heresia Carlozzini havia se enraizado ali no sul. E das terras altas começou a se espalhar pela Palma, ganhando força e adeptos com velocidade assustadora. E foi contra

o principal ensinamento de Carlozzi — de que a Tríade era composta de deuses mais jovens, obedientes e submetidos a poderes mais antigos e sombrios — que o clero da Palma concentrou seus esforços, de forma conjunta e determinada.

Encarando uma unidade tão rara quanto absoluta entre o clero e aqueles que haviam sido apanhados no pânico de uma década de peste e fome, os duques e grão-duques, e até mesmo Valcanti, Príncipe de Tigana, se viram sem escolha. Os Carlozzini foram caçados, julgados e executados por toda a Península, de acordo com o método das execuções em cada província naquela época.

Uma época de violência e sangue, duzentos anos antes.

E naquele momento ele estava ali parado, mostrando o amuleto que guardava o pelico do seu nascimento, falando com três pessoas que acabaram de admitir serem Carlozzini.

E mais. *Andarilhos da Noite*, dissera o Ancião. A vanguarda; o exército secreto da seita. Escolhidos de forma desconhecida por todos. Mas agora ele sabia; tinham lhe mostrado. Ocorreu-lhe que ele poderia estar em perigo por ter recebido aquele conhecimento — e, realmente, o homem maior, de barba, parecia estar se contendo, como se preparado para a violência.

No entanto, a mulher que estivera de vigia estava chorando. Ela era muito bonita, mas não como Alienor, de quem cada movimento, cada palavra indicava uma corrente oculta e felina de perigo. Aquela mulher era jovem demais, tímida demais; ele não podia acreditar que fosse uma ameaça. Não chorosa como estava. E os três tinham dito palavras de agradecimento, de louvor. Seus instintos estavam alertas, porém não em relação a um perigo imediato. Deliberadamente, Baerd forçou seus músculos a relaxar.

— O que vocês têm a me dizer, então?

Elena limpou as lágrimas do rosto e olhou de novo para o estranho, absorvendo sua solidez tranquila e nítida, sua *realidade*, o fato tão improvável de ele estar ali. Engoliu com dificuldade, sentindo seu coração acelerado, tentando superar o momento em que aquele homem emergira da noite e das sombras para ficar à sua frente. E então deu-se um longo intervalo em que se encararam à luz do luar, antes de ela erguer, instintivamente, a mão para tocá-lo, para ter certeza de que ele era real. Só depois chamara Mattio e Donar. Algo estranho estava acontecendo com ela. Esforçou-se para se concentrar no que Donar dizia.

— O que eu disse agora lhe dá poder de vida e morte sobre muitas pessoas — disse, em voz baixa. — Pois os sacerdotes ainda nos querem destruídos e o Tirano de Astibar obedecerá ao clero nesses assuntos. Acho que você sabe disso.

— Eu sei — o homem de cabelos escuros confirmou, igualmente baixo. — Você me contará por que está confiando em mim?

— Porque esta é uma noite de batalha — Donar disse. — Nesta noite, eu irei liderar os Andarilhos da Noite na guerra. Ontem, quando anoiteceu, eu adormeci e sonhei com a vinda de um estranho até nós. Aprendi a respeitar meus sonhos, apesar de não saber quando eles vão surgir.

Elena viu o estranho acenar, calmo, imperturbável, aceitando aquilo tão facilmente quanto tinha aceitado a presença dela na estrada. Viu que os braços dele eram musculosos por baixo da camisa e que se portava como um homem que já tinha visto muita violência na vida. Em seu rosto havia algo de triste, mas estava escuro demais para dizer com certeza, e ela se repreendeu por deixar sua imaginação correr solta em uma hora daquelas.

Por outro lado, ele estava perambulando sozinho numa Noite das Brasas. Ela tinha certeza que homens sem suas próprias dores jamais fariam algo assim. Perguntou-se de onde ele seria. Tinha medo de perguntar.

— Então, você é o líder desta companhia? — disse Baerd para Donar.

— Ele é — Mattio interrompeu, seco. — E seria melhor que você não comentasse sobre sua enfermidade.

Pelo tom desafiador, estava claro que ele interpretara mal a pergunta. Elena sabia o quão protetor ele era em relação a Donar, era uma das coisas que ela mais respeitava nele. Mas aquele era um momento grande demais, importante demais, para mal-entendidos como aquele. Virou-se para ele, sacudindo a cabeça energicamente.

— Mattio! — começou ela, mas Donar já tinha colocado uma das mãos no braço do ferreiro e, naquele momento, o estranho sorriu pela primeira vez.

— Você se defendeu de uma ofensa que não existiu — disse. — Já vi outros, com ferimentos tão ruins ou piores, que lideraram exércitos e governaram homens. Eu apenas quero saber onde estou pisando. Está mais escuro para mim do que para vocês.

Mattio abriu a boca, mas fechou-a em seguida. Fez um pequeno ges-

to desajeitado, como que pedindo desculpas com os ombros e as mãos. Foi Donar quem respondeu.

— Sim, sou o Ancião dos Andarilhos. E também sou, com a ajuda de Mattio, o líder em batalha. Mas você precisa saber que a guerra que iremos travar hoje à noite não é como as que talvez você conheça. Quando sairmos novamente dessa casa, será sob um céu completamente diferente do que nos cobre agora. E sob esse céu, no mundo estranho de fantasmas e sombras, poucos de nós terão a mesma aparência que temos aqui.

O homem de cabelos escuros se mexeu, desconfortável, pela primeira vez. Olhou para baixo, quase relutante, para as mãos de Donar. Ele sorriu e ergueu sua mão esquerda, os cinco dedos bem abertos.

— Não sou um mago — disse, baixinho. — Existe magia aqui, sim, mas nós pisamos nela e somos marcados por ela, não a moldamos. Isto não é feitiçaria.

O estranho assentiu devagar e depois disse, com cortesia cuidadosa:

— Consigo ver. Não entendo bem, só posso achar que você está me contando isso por algum motivo. Você gostaria de dizer qual é?

— Gostaríamos de pedir a sua ajudar em nossa batalha hoje à noite — disse Donar, finalmente.

No silêncio que se seguiu, Mattio falou e Elena percebeu quanto custou ao seu orgulho dizer isso.

— Nós precisamos. Precisamos muito.

— Contra quem lutaremos? — perguntou Baerd.

— Nós os chamamos de Outros — respondeu ela, já que nem Mattio nem Donar falaram. — Eles vêm até nós, ano após ano, geração após geração.

— Eles vêm para arruinar os campos e amaldiçoar as sementes e as colheitas — explicou Donar. — Por duzentos anos, os Andarilhos da Noite de Certando os combatem nesta Noite das Brasas, e por todo esse tempo conseguimos contê-los quando nos atacavam, vindos do oeste.

— Mas por quase vinte anos tem sido cada vez pior para nós. E nas últimas três Noites das Brasas, fomos derrotados. Muitos de nós morreram. E as secas em Certando têm piorado, você deve saber. Deve saber também sobre as pestes daqui. Elas têm...

Mas o estranho levantou a mão de repente, um gesto brusco e inesperado.

— Há quase vinte anos? E vindos do oeste? — disse, asperamente.

Deu um passo para perto e virou-se para Donar. — Os tiranos chegaram há quase vinte anos. E Brandin de Ygrath chegou pelo oeste.

O olhar de Donar estava firme enquanto ele se apoiava nas muletas, observando o outro homem.

— É verdade — disse — e é um pensamento que já ocorreu a alguns de nós, mas eu não acho que seja importante. Nossas batalhas anuais nesta mesma noite vão muito além das preocupações diárias sobre quem governa a Palma em uma geração, como governam e de onde vieram.

— Mesmo assim... — o estranho começou.

— Mesmo assim — Donar balançou a cabeça — existem mistérios nisso que vão além do meu poder de compreensão. Se você consegue ver um padrão, e eu não consigo... quem sou eu para questionar ou negar o que pode ser verdade?

Ele colocou a mão no pescoço, tocando o amuleto de couro.

— Você carrega a marca que nós usamos, e eu sonhei com a sua presença aqui hoje. Apesar disso, não temos nenhum poder sobre você, nenhum mesmo, e devo lhe dizer que a morte estará nos esperando nos campos quando os Outros vierem. Também posso lhe dizer que nossa necessidade vai além destes campos, além de Certando e acho mesmo que vai além da Península da Palma. Você lutará conosco hoje à noite?

O estranho ficou em silêncio por muito tempo. Ele se virou e olhou para além deles, para a lua fina e as estrelas, mas Elena sentiu que sua verdadeira visão voltava-se para dentro; ele não estava olhando para as luzes.

— Por favor? — ela se ouviu dizendo. — Você lutará, por favor?

Ele não deu sinal de sequer tê-la ouvido. Quando se virou, foi para olhar novamente para Donar.

— Entendo muito pouco sobre isso. Tenho minhas próprias batalhas para lutar e pessoas a quem jurei lealdade, mas não vejo o mal nem mentira em vocês e quero ver por mim mesmo as formas que esses Outros podem tomar. Se você sonhou com a minha vinda aqui, vou me deixar ser guiado pelo seu sonho.

Quando seus olhos começavam a ficar cheios de lágrimas novamente, Elena viu-o virando-se para ela.

— Sim, vou lutar — disse ele, no mesmo tom e sem sorrir, seus olhos escuros sérios. — Vou lutar com vocês hoje à noite. Meu nome é Baerd.

E então parecia que ele a tinha escutado, no fim das contas.

Elena controlou as lágrimas, ficando o mais séria que conseguiu.

Mas um tumulto, um caos terrível, crescia dentro dela e, no meio desse caos, parecia que Elena ouvia um som, como uma única nota tocada em seu coração. Atrás de Donar, Mattio dizia alguma coisa. No entanto, ela não estava escutando. Ela olhava para o estranho e percebia, quando seus olhares se encontravam, que estava certa antes, que seus instintos não haviam se enganado. Havia uma tristeza tão profunda nele que não podia deixar de ser notada por qualquer homem ou mulher com olhos para ver, mesmo na noite e nas sombras.

Ela desviou o olhar e fechou os olhos com força por um momento, tentando manter um pouco de seu coração para si mesma, antes que ele fosse todo à procura da magia e da estranheza daquela noite. *Oh, Verzar*, ela pensou, *Oh, meu amor perdido*. Abriu os olhos e respirou com cuidado.

— Eu sou Elena — disse ela. — Quer entrar e conhecer os outros?

— Sim — acrescentou Mattio, mal-humorado. — Venha conosco, Baerd. Seja bem-vindo à minha casa.

Dessa vez ela ouviu a mágoa que veio em sua voz, mesmo que ele tentasse disfarçar. Elena se encolheu por dentro diante disso, odiando-se por lhe causar tristeza, pois gostava dele, de sua força e generosidade. Mas aquela era uma Noite das Brasas, e os caminhos do coração não podiam ser controlados, mesmo à luz do dia.

Além disso, enquanto os quatro se voltavam para entrar, ela já carregava uma grande dúvida. Duvidava que fosse encontrar alguma felicidade naquilo que tinha acabado de acontecer. Que alguma felicidade pudesse vir daquele estranho saído da escuridão em resposta ou chamado pelo sonho de Donar.

Baerd olhou para a caneca que a mulher chamada Carena acabara de colocar em suas mãos. Era de barro, áspera ao toque, lascada na beirada, sem pintura, da cor da terra vermelha.

Seus olhos se desviaram de Carena para Donar, o velho aleijado — o Ancião, como era chamado —, para o barbado e para a outra mulher, Elena. O rosto dela se iluminava quando olhava para ele, mesmo nas sombras daquela casa, e ele desviava o olhar como se aquilo fosse algo — talvez a única coisa — com que ele não conseguisse lidar. Não naquele momento, talvez nunca em sua vida. Ele voltou seu olhar para o grupo reunido ali. Dezessete. Nove homens, oito mulheres, todos segurando

suas canecas, esperando por ele. Se reuniriam a outros no ponto de encontro, Mattio dissera. Quantos mais, não sabiam dizer.

Ele estava sendo descuidado, sabia disso. Sendo levado pelo poder de uma Noite das Brasas, pela verdade inegável do sonho de Donar, pelo fato de estarem esperando por ele. E, se fosse honesto consigo mesmo, também pelo olhar de Elena quando ele apareceu diante dela. Isso era tentar o destino arriscadamente, algo que ele quase nunca fazia.

Mas estava fazendo agora — ou prestes a fazer. Pensou em Alessan e em todas as vezes em que repreendeu ou impediu o Príncipe, seu irmão de alma, de deixar a sua paixão pela música levá-lo por um caminho perigoso. O que Alessan diria agora, ou Catriana e sua língua veloz? Ou Devin? Não, Devin não diria nada; ele iria observar, com sua forma cuidadosa e focada de prestar atenção e tiraria suas próprias conclusões em seu próprio tempo. Sandre diria que ele era um tolo.

E talvez fosse mesmo. Contudo, algo muito profundo dentro de si tinha respondido às palavras que Donar proferira. Ele usara o pelico de seu nascimento dentro do amuleto de couro por toda a vida, uma superstição pequena e trivial. Uma proteção contra afogamento, segundo lhe disseram quando era criança. No entanto, era mais que isso, e a caneca que segurava em suas mãos marcava a sua aceitação.

Quase vinte anos, Mattio dissera.

Os Outros do oeste, Donar dissera.

Podia ser algo pequeno ou de grande importância. Podia não ser nada, ou podia ser tudo.

Olhou para a mulher, Elena, e esvaziou a caneca de uma vez.

Era amargo, mortalmente amargo. Por um momento irracional e cheio de pânico, temeu ser seu fim, envenenado, um sacrifício de sangue em algum desconhecido ritual de primavera dos Carlozzini.

Então viu a careta que Carena fez enquanto bebia de sua própria caneca, viu Mattio se encolher com um arrepio com o gosto da sua, e o pânico passou.

A longa mesa havia sido retirada, levantada de seus cavaletes. Catres foram espalhados pela sala para que se deitassem. Elena se aproximou e acenou, e seria muito rude recusar. Caminhou com ela até uma das paredes e aceitou o catre que ela ofereceu. Ela se sentou, em silêncio, no catre ao lado do seu.

Baerd pensou em sua irmã, naquela imagem tão clara de andar de

mãos dadas com Dianora por uma estrada escura e silenciosa, apenas os dois ao ar livre em todo o mundo.

Donar, o moleiro, balançou-se até o catre do outro lado de Baerd. Ele apoiou suas muletas na parede e se abaixou até o colchão.

— Deixe sua espada aqui — disse. Baerd levantou as sobranceiras. Donar sorriu, uma expressão solene, sem alegria. — Será inútil aonde estamos indo. Encontraremos nossas armas nos campos.

Baerd hesitou por mais um momento e, então, reconhecendo que estava sendo ainda mais descuidado, de uma loucura mística que ele não podia explicar, passou a bainha traseira por cima da cabeça e a deixou na parede, ao lado das muletas de Donar.

— Feche os olhos — ouviu Elena dizer ao seu lado, parecendo estranhamente longe. — É mais fácil assim. Vai parecer que está adormecendo, mas não estará. Que a terra nos dê sua benção e o céu, a sua luz.

Foi a última coisa que ouviu.

Não era sonho. O que quer que fosse, não estava dormindo, pois nenhum sonho poderia ser tão vívido, nenhum vento sonhado seria tão cortante em seu rosto.

Ele estava em um campo aberto, largo, vazio e escuro, com o cheiro da terra primaveril, e não se lembrava de como chegara até ali. Muitas pessoas estavam no campo com ele — duzentas, talvez, ou mais — e ele não se lembrava delas. Deveriam ter vindo de outras aldeias nas terras altas, de reuniões em casas como a de Mattio.

A luz era estranha e ele olhou para cima.

E Baerd viu que a lua no céu era redonda, grande e cheia. Era verde como o primeiro verde da primavera. Brilhava com uma luz verde e dourada entre estrelas de constelações que ele nunca vira. Ele rodou em torno de si mesmo, tonto, desorientado, seu coração batendo com força, procurando um padrão conhecido no céu. Olhou para o sul, onde as montanhas deveriam estar, mas até onde seus olhos conseguiam enxergar na luz esverdeada, só via campos planos se espalhando, alguns vazios, outros prontos para a colheita de grãos de verão em uma estação que só podia ser a primavera. Nenhuma montanha. Sem picos cobertos de neve, sem a Passagem de Braccio e Quileia mais além. Virou-se novamente. Nada do Castelo de Barso ao norte ou a leste. Ou oeste?

Oeste. Com um pressentimento repentino, olhou naquela direção.

Colinas baixas subiam e desciam numa progressão que parecia infinita. E Baerd viu que as colinas estavam sem árvores ou grama, despidas de flores, arbustos e espinheiros, áridas, sombrias e desoladas.

— Sim, olhe para lá — a voz grave de Donar disse, vinda de trás dele — e entenda por que estamos aqui. Se perdermos hoje, o campo em que estamos ficará tão devastado quanto aqueles quando voltarmos no ano que vem. Perdemos as batalhas dessas colinas nos últimos anos. Estamos lutando na planície agora e, se isso continuar, em uma Noite das Brasas cada vez mais próxima, nossos filhos, ou os filhos deles, estarão aqui, com as costas para o mar, e perderão a última batalha dessa guerra.

— E? — os olhos de Baerd ainda estavam no oeste, nas ruínas acinzentadas e rochosas das colinas.

— E as colheitas serão ruins. Não apenas em Certando. E pessoas morrerão, de fome ou de peste.

— Por toda a Palma? — Ele não conseguia tirar os olhos da devastação à sua frente. Teve uma visão de um mundo igual àquele. Estremeceu. Era doentio.

— A Palma e além, Baerd. Não se engane, não é uma luta local, uma batalha por uma pequena península. Por todo esse mundo, e talvez além, pois dizem que o nosso não é o único mundo espalhado pelos Poderes entre o tempo e as estrelas.

— Carlozzi ensinou isso?

— Carlozzi ensinou isso. Se eu entendo seus ensinamentos corretamente, nossos problemas aqui estão ligados a perigos ainda maiores em outros lugares, em mundos que nunca vimos nem iremos ver, exceto, talvez, em sonhos.

Baerd balançou a cabeça, ainda encarando as ruínas a oeste.

— Isso é abstrato demais para mim. Complicado demais. Eu sou um pedreiro, às vezes um mercador, que aprendeu a lutar, mesmo contra a minha vontade e talento, ao longo de muitos anos. Vivo em uma península controlada por inimigos de além-mar. Esse é o nível de maldade que consigo entender.

Então, ele se virou de costas para as colinas e olhou para Donar. E, apesar do aviso que lhe deram, seus olhos se arregalaram em surpresa. O moleiro estava de pé sobre duas pernas inteiras, seu cabelo cinzento e ralo tornara-se tão espesso e escuro quanto o de Baerd, seus ombros estavam retos e a cabeça, erguida; um homem em seu auge.

Uma mulher veio até eles, e Baerd reconheceu Elena, que não havia

mudado. Ela parecia mais velha, menos frágil; o cabelo mais curto, ainda louro, quase branco, apesar da estranheza da luz. Viu que os olhos dela eram de um azul muito profundo.

— Seus olhos eram dessa cor uma hora atrás? — perguntou.

Ela sorriu, satisfeita e tímida.

— Foi há mais de uma hora. E não sei exatamente como estou este ano. Para mim, muda um pouco a cada ano. De que cor eles estão agora?

— Azuis. Extremamente azuis.

— Bem, então sim, eles sempre foram azuis. Talvez não *extremamente* azuis... — O sorriso dela aumentou. — Devo lhe contar qual é a sua aparência?

Havia uma incongruência, uma leveza em sua voz. Até Donar tinha uma expressão divertida brincando em seus lábios.

— Conte.

— Você parece um menino — disse ela, com uma gargalhada curta. — Um menino de 14 ou 15 anos, sem barba, muito magro e com um maço de cabelo castanho que eu adoraria cortar se tivesse chance.

Baerd sentiu seu coração martelar no peito. Parecia ter parado por um momento antes de voltar, arduamente, a bater. Ele se virou, afastando-se bruscamente dos outros, olhando para suas mãos. Elas pareciam diferentes. Mais macias, sem tantas linhas. E uma cicatriz feita por uma faca em Tregia cinco anos antes não estava mais ali. Fechou os olhos, sentindo-se subitamente fraco.

— Baerd? — disse Elena atrás dele, preocupada. — Desculpe. Eu não queria...

Ele balançou a cabeça. Tentou falar, mas descobriu que não conseguia. Queria tranquilizá-la, a ela e a Donar, de que estava bem, mas ele sentiu, sem acreditar, que estava chorando, pela primeira vez em quase vinte anos.

A primeira vez desde o ano em que ele era um menino de 14 anos proibido de ir para guerra por ordens de seu Príncipe e de seu pai. Proibido de lutar e morrer com eles às margens do rio Deisa, onde tudo que brilhava tinha terminado.

— Calma, Baerd — ouviu Donar dizer, grave e gentil. — Calma. Aqui é sempre estranho.

Mãos femininas tocaram brevemente seus ombros para então rodeá-lo por trás e fecharem-se em seu peito. A bochecha dela descansou em suas costas e ela o abraçou assim, forte, generosa, reconfortante, ao

mesmo tempo que ele levava as mãos ao rosto para cobri-lo enquanto chorava.

Acima deles, na Noite das Brasas, a lua cheia estava verde e dourada, e, ao redor deles, os campos estranhos estavam vazios. Haviam sido semeados recentemente, estavam cheios de grãos maduros esperando a hora de serem plantados ou ainda completamente desolados, nus e perdidos, no oeste.

— Eles estão vindo — alguém falou, vindo na direção deles. — Vejam. É melhor pegar nossas armas.

Ele reconheceu a voz de Mattio. Elena o soltou e deu um passo para trás. Baerd limpou os olhos e se virou para o oeste de novo.

E ele então percebeu que a guerra da Brasa estava lhe dando outra chance. Uma chance de corrigir o que tinha dado tão errado no mundo, no verão em que ele tinha 14 anos.

Sobre as colinas a oeste, ainda distantes, mas sobrenaturalmente distintos na luz sobrenatural, os Outros estavam vindo: *e eles estavam vestidos, todos eles, com os uniformes de Ygrath.*

— Oh, Morian! — sussurrou ele, respirando fundo.

— O que você vê? — perguntou Mattio.

Baerd se virou. O homem estava mais magro e sua barba negra cortada de forma diferente, mas era praticamente o mesmo.

— Ygratheanos — disse ele, cada vez mais impressionado. — Soldados do Rei de Ygrath. Vocês podem nunca tê-los visto, estando tão a leste, mas é exatamente isso que os seus Outros são.

Mattio ficou pensativo de repente. Balançou a cabeça, mas foi Donar quem falou.

— Não se deixe enganar, Baerd. Lembre-se de onde estamos, do que eu disse. Você não está na nossa península, esta não é uma batalha diurna contra seus invasores de além-mar.

— Eu os vejo, Donar. Eu sei o que eu vejo.

— E eu devo lhe dizer que o que vejo são formas horrendas em cinza, nuas e sem pelos, dançando e copulando umas com as outras, enquanto deboçam de nós por estarem em maioria.

— E, para mim, os Outros estão diferentes de novo — disse Mattio seco, quase com raiva. — São grandes, maiores que homens, com pelos nas costas que terminam em um rabo como os gatos selvagens. Andam sobre duas pernas, mas têm garras nas mãos e dentes afiados nas bocas.

Baerd se voltou novamente, o coração martelando no peito, olhando

para oeste na fantasmagórica luz verde de onde quer que estivessem. E mesmo assim, à distância, vindo em avalanche pelas colinas, ele via soldados armados com espadas, lanças e as adagas onduladas de Ygrath.

Virou-se para Elena, um pouco desesperado.

— Não gosto de falar sobre o que vejo — sussurrou ela, abaixando os olhos. — Eles me assustam demais. São as criaturas dos meus temores de infância. Mas não são o que você está vendo, Baerd. Acredite em mim. Acredite em nós. Você pode ver os Outros na forma daqueles que seu coração odeia, mas esta não é uma das batalhas de seu mundo diurno.

Ele sacudiu a cabeça numa negativa feroz. Havia algo profundo surgindo em seu espírito; o sangue corria em suas veias. Os Outros estavam mais próximos, centenas deles saindo das colinas.

— Eu sempre estou lutando a mesma batalha — respondeu a ela e aos dois homens. — Por toda a minha vida. Onde quer que eu esteja. E eu sei o que vejo aqui. Posso dizer a vocês que tenho 15 anos, não 14, ou não estaria aqui. Não teriam deixado.

Um pensamento súbito lhe ocorreu.

— Digam: tem um rio a oeste de onde estamos, um rio mais para baixo de onde eles estão vindo agora?

— Tem — disse Donar. — Você quer lutar ali?

Uma alegria feroz e vermelha corria através de Baerd, selvagem e incontrolável.

— Quero — respondeu. — Como quero! Mattio, onde podemos pegar nossas armas?

— Ali. — Mattio apontou na direção sudeste, para um pequeno campo próximo, onde milharais cresciam altos, desafiando a estação em que deveriam estar. — Venha. Logo eles estarão no seu rio.

Baerd não falou. Seguiu Mattio. Elena e Donar foram com eles. Outros homens e mulheres já estavam naquele campo, e Baerd viu que colhiam os caules de milho para serem suas armas durante a noite. Era absurdo, incrível, mas ele começava a ver como funcionava aquele lugar, a entender a magia que estava agindo ali, e um canto de sua mente, que trabalha fora e ao redor da lógica severa do dia, entendeu que o grão amarelo tão ameaçado era a única arma possível naquela noite. Eles iriam lutar pelos campos com o grão nas mãos.

Ele entrou com os outros naquele milharal, tomando cuidado onde andava e se abaixou para pegar um caule para si, que se soltou facilmente, como se quisesse ir para a sua mão naquela noite esverdeada. Foi até

um campo vazio e sentiu o balanço do caule na mão, golpeando com cuidado. Percebeu que a planta tinha endurecido como metal forjado. Cortava o ar com um assobio agudo. Testou o fio com um dedo, o que lhe tirou sangue. O caule havia ficado tão afiado e confortável quanto qualquer espada que tivesse usado. Além disso, tinha tantos lados quanto as famosas lâminas de Quileia, de séculos atrás.

Olhou para o oeste. Os ygratheanos estavam descendo a colina mais próxima. Ele podia ver o brilho de suas armas ao luar. *Isso não é um sonho*, disse para si mesmo. Não era um sonho.

Donar estava ao seu lado, sério e impassível. Mattio estava mais à frente, com a expressão de desafio intenso em seu rosto. Homens e mulheres estavam se reunindo atrás deles, por todos os lados, e todos tinham espadas de milho em suas mãos, todos com a mesma expressão: sérios, decididos e destemidos.

— Vamos? — disse Donar, voltando-se para encará-los. — Vamos combatê-los pelos campos e por nosso povo? Vocês irão comigo agora para a guerra da Brasa?

— Para os campos! — os Andarilhos da Noite gritaram e levantaram suas espadas vivas na direção do céu.

Baerd di Tigana bar Saevar gritou apenas em seu coração, e não em voz alta, mas avançou com todos eles, o pé de milho como uma lâmina longa em sua mão, para lutar sob a pálida lua esverdeada daquele lugar encantado.

Quando os Outros caíam, escamosos e cinzentos, cegos e cobertos de vermes, nunca havia sangue. Elena sabia o motivo, pois Donar explicara anos antes: sangue significaria vida, e seus rivais naquela noite eram os inimigos, o oposto de qualquer tipo de vida. Quando eles caíam pelos golpes das espadas de milho, nada fluía deles, nada escorria pela terra.

Havia tantos. Sempre havia muitos, rodopiando como em uma massa de lesmas, saíam das colinas e se espalhavam como um enxame em direção ao riacho onde Donar, Mattio e Baerd tinham ido para enfrentá-los.

Elena se preparou para lutar no meio do caos barulhento, confuso e em tons de verde. Estava com medo, mas ela sabia que podia lidar com aquilo. Lembrava-se do quão mortalmente apavorada estivera em sua primeira guerra da Brasa, pensando em como ela — que mal podia le-

vantar uma espada no mundo diurno — poderia combater as criaturas horrendas como pesadelos que via.

Donar e Verzar acalmaram seus medos: ali, naquela noite verde e mágica, era a alma e o espírito que importavam, ali era a coragem e o desejo que moldavam e conduziam os corpos em que estavam. Elena sentia-se muito mais forte nas Noites das Brasas, muito mais ágil e rápida. Isso também a assustara na primeira vez e mesmo depois: sob aquela lua verde, ela era alguém que podia matar. Nenhum deles era exatamente o mesmo que era sob o sol ou sob as duas luas de seu lar. O corpo de Donar naquela noite de luta refletia uma imagem perdida do que ele havia sido, mais distante a cada ano.

Assim como Baerd claramente também refletia uma imagem distante — mais do que teriam imaginado ou esperado. Quinze anos, ele dissera. Não 14, ou não teriam permitido. Ela não entendeu aquilo, mas não tinha tempo para juntar as peças. Não naquele momento. Os Outros estavam no riacho e agora tentavam escalar as margens usando as formas horríveis que sua mente lhes dera.

Ela se desviou de um golpe de machado de uma criatura que pingava água enquanto subia a margem; ao mesmo tempo, ela trincou os dentes e golpeou para baixo com uma letalidade instintiva que jamais teria reconhecido como sua. Sentiu sua lâmina, sua espada viva, esmagando com força a armadura escamosa e se enterrando no corpo infestado de vermes de seu inimigo.

Libertou sua arma com esforço, odiando o que havia feito, mas odiando os Outros ainda mais, infinitamente mais. Virou-se, bloqueando outro golpe por pouco, e recuou um passo enquanto dois novos agressores — as mandíbulas abertas — surgiam à sua direita. Levantou sua espada numa tentativa desesperada de se proteger.

De repente, apenas um dos Outros estava à sua frente. E então, nem esse mais.

Ela abaixou a lâmina e olhou para Baerd — o estranho da estrada —, ele que era a promessa da noite. Ele sorriu sombriamente, os lábios apertados, em pé sobre os corpos dos Outros que havia acabado de matar. Ele sorria. Salvara sua vida, mas não disse nada a ela. Virou-se e foi em direção à margem do rio. Ela o observou ir, viu seu corpo de garoto marchar para o meio da batalha e não tinha certeza se sentia esperança por sua perícia mortal ou se lamentava a expressão que vira em olhos tão jovens.

Novamente, não tinha tempo para pensar nisso. O rio fervia e borbulhava com a agitação dos Outros enquanto eles atravessavam. Gritos de dor, de raiva e de fúria cortavam a noite verde como lâminas sonoras. Ela viu Donar na margem sul, balançando sua espada com as duas mãos, rodando-a em círculos. Viu Mattio ao seu lado, cortando e golpeando, os pés firmes em meio aos corpos caídos, absoluto em sua coragem. Ao seu redor, os Andarilhos da Noite se lançavam no caldeirão de sua guerra.

Viu uma mulher cair, seguida por outra, derrubadas e cortadas pelas criaturas do oeste. Ela mesma gritou, de fúria e repulsa, e voltou para a beira do rio, para onde Carena estava, sua espada golpeando à sua frente, seu sangue — que era vida e promessa de vida — queimando com a necessidade de mandá-los de volta. Naquela noite, e no ano seguinte, e no outro, e no outro, em cada uma das Noites da Brasa, para que o plantio da primavera pudesse frutificar, para que a terra pudesse dar frutos no outono. Naquele ano e no seguinte e no que viria depois.

Em meio àquele caos de som e movimento, Elena olhou para cima. Chegou à posição da lua que ainda subia e, então — não conseguiu impedir —, olhou para a colina devastada mais próxima, do outro lado do rio; a preocupação apertando o peito. Não havia ninguém ali. Ainda.

Mas haveria. Ela tinha quase certeza de que haveria. E então? Ela se afastou daquilo. O que fosse acontecer, aconteceria. Ao seu redor, havia a guerra, ali e naquele momento, e o terror era mais do que suficiente nos Outros reunidos à sua frente, surgindo dos dois lados do rio.

Desviou seus pensamentos da colina e avançou com força, sentindo a lâmina atingir um ombro escamoso. Ouviu o Outro produzir um ruído molhado, gorgolejante. Puxou a espada e virou para a esquerda a tempo de bloquear um golpe lateral, lutando para manter os pés no lugar. A mão livre de Carena a abraçou por trás. Apesar de não ter tempo de olhar, sabia quem era.

Era selvageria sob as estrelas desconhecidas, sob a luz verde daquela lua, frenesi e caos. Havia gritos e berros por todo lado, e as margens do rio eram lamacentas, escorregadias e traiçoeiras. Os Outros que atacavam Elena estavam molhados e eram cinzentos, escurecidos pelos seus parasitas e por suas feridas abertas. Ela trincou os dentes e lutou, deixando a agilidade de seu corpo da Noite das Bragas ser guiada por sua alma, o caule que era sua espada dançando com a vida que parecia vir tanto dele quanto dela. Estava coberta de lama e água. Tinha certeza de que havia sangue, mas não tinha tempo de verificar, não dava tempo de fazer

nada além de se defender, golpear e cortar; lutar para se manter em pé nos barrancos perto do rio. Uma queda seria fatal.

Sentira, em lampejos súbitos e aleatórios, Donar e Carena ao seu lado por um tempo. Depois, ela o viu se afastar com alguns dos outros Andarilhos para interromper uma movimentação no sul. Baerd veio até sua esquerda em algum momento, protegendo seu lado aberto, mas quando olhou — a lua alta — ele já tinha partido.

Então viu para onde ele havia ido. Estava no rio, sem esperar que os Outros viessem até ele. Estava atacando-os na água, gritando palavras incoerentes que ela não conseguia entender. Ele era magro, jovem, bonito e letal. Ela viu os corpos dos Outros empilhando-se aos seus pés, como lodo cinzento interrompendo o curso da água. Sabia que ele os enxergava de forma diferente. Ele contara o que vira; soldados de Ygrath, de Brandin, o Tirano do oeste.

Sua lâmina era quase um borrão de tão rápida. Com água até os joelhos, ele estava firme como uma árvore, e eles não conseguiam fazê-lo recuar nem sobreviver a seus golpes. Os Outros estavam se afastando dele, lutando para retroceder, tentando passar pelo meio de seus mortos para conseguir avançar pelo riacho. Ele os rechaçava, lutando sozinho na água — o luar estranho em seu rosto e no caule vivo que era a sua espada. E ele era um menino de 15 anos. Apenas isso. O coração de Elena se condeou por ele, mesmo enquanto combatia um cansaço avassalador.

Forçou-se a manter sua posição, ao norte de Baerd, mais acima no barranco lamacento. Carena estava mais ao sul no rio, lutando ao lado de Donar. Dois homens e uma mulher de outra aldeia apareceram ao lado de Elena e, juntos, os quatro lutaram por seu trecho de chão escorregadio, tentando se mover em uníssono, como uma só mente.

Eles não eram guerreiros, não haviam sido treinados para a luta. Eram fazendeiros e mulheres de fazendeiros, moleiros, ferreiros, tecelões, pedreiros e serventes, pastores de cabras das colinas de Braccio. Cada um deles, porém, nascera empelicado nas terras altas e destinado, na infância, aos ensinamentos de Carlozzi para a Guerra da Brasa. Sob a lua verde — que passara de seu auge e estava se pondo —, a paixão em suas almas ensinava suas mãos a falarem pela vida com as lâminas que o grão havia se tornado.

Então os Andarilhos da Noite de Certando batalharam às margens daquele rio, lutando pelo sonho mais antigo e profundo dos vastos campos de plantação além de todas as muralhas das cidades. Um sonho da

Terra, do solo que dava vida, rico, úmido e florescente em seu ciclo de estações e anos, um sonho de fazer os Outros recuarem mais, e ainda mais, e finalmente sumirem, em algum ano brilhante que nenhum deles jamais viveria para ver.

Houve um momento, no meio do tumulto e do frenesi, da violência barulhenta, confusa e aleatória na beira do rio, em que Elena e seus três companheiros conseguiram respirar. Ela teve tempo para olhar e ver que havia menos inimigos no rio. Que os Outros estavam espalhados, desorganizados e confusos, a oeste. Viu Baerd se afundar mais no rio, água na cintura, gritando para que os inimigos fossem até ele, amaldiçoando-os em uma voz tão atormentada que pouco se parecia com a sua.

Elena mal conseguia ficar de pé. Ela se inclinou em sua espada, puxando o ar em soluços, totalmente exausta. Olhou ao redor e viu que um dos homens que lutaram ao seu lado estava apoiado num dos joelhos, apertando seu ombro direito. Sangrava por um corte feio, rasgado. Ela se ajoelhou ao lado dele, tentando, sem forças, rasgar um pedaço de sua roupa para fazer uma atadura. Mas ele a impediu.

Fez com que parasse, tocando seu ombro. Em silêncio, apontou para o outro lado do rio. Ela olhou naquela direção, mais a oeste, o medo crescendo novamente. E, naquele momento de vitória aparente, Elena viu que o topo da colina mais próxima não estava mais vazio. Que havia algo lá.

— *Olhem!* — um homem gritou, mais abaixo no rio. — Ele está com eles de novo. É o nosso fim!

Outras vozes ecoaram aquele grito nas margens do rio, em lamento, horror e medo, pois eles viam, todos eles passaram a ver que a figura de sombras tinha vindo. No recanto mais escuro de seu coração, Elena sabia que ele viria.

Como sempre viera nos últimos anos. Quinze, vinte anos; mas nunca antes, segundo o que Donar dissera. Quando a lua começava a se pôr, verde e cheia, justo quando — na maioria das vezes — parecia que eles teriam uma chance de forçar os Outros a recuarem, aquele vulto escuro aparecia, envolto em névoa e neblina, como se amortalhado, atrás das fileiras inimigas.

Era aquela figura que os Andarilhos viam avançar nos anos de suas derrotas, quando recuavam, escorraçados. Era ele que pisava nos lugares amargamente disputados, os campos perdidos, e os reclamava para

si. Doença, pestes e desolação se espalhavam por onde ele passava, por onde ele pisasse.

Ele estava na colina devastada a oeste do rio; nuvens de neblina subindo e fluindo ao seu redor. Elena não conseguia ver seu rosto — nenhum deles jamais conseguira —, mas, no meio da fumaça e da escuridão, ela o viu levantar as mãos e esticá-las na direção deles, tentando alcançar os Andarilhos nas margens do rio. Elena sentiu uma onda repentina de frio tomar seu coração, um arrepio terrível e entorpecedor. Suas pernas começaram a tremer. Viu que suas mãos tremiam e parecia que não havia nada, mas nada mesmo, que pudesse fazer para manter sua coragem.

Pelo rio, os Outros, o exército dele — seus aliados ou projeções amorfas de seu espírito —, viram quando esticou os braços em direção ao campo de batalha. Elena ouviu a súbita exaltação de seus gritos, os viu se agruparem a oeste do rio para atacar novamente. E se lembrou, cansada, exaurida, com um desespero sombrio alcançando seu coração, de que tinha sido exatamente assim no ano anterior, e na primavera antes, e na primavera anterior também. Seu espírito doeu com o conhecimento da derrota que viria, mesmo enquanto lutava para encontrar uma forma de preparar seu corpo exausto para encarar outro ataque.

— Não! — ela ouviu Mattio dizer, com uma insistência burra, desesperançada, lutando cegamente contra o poder daquela figura na colina. — Não dessa vez! Não! Deixem que ele me mate! Não recuem de novo!

Ele mal conseguia falar e ela viu que sangrava. Tinha um corte em seu lado direito; outro na perna. Quando ele se endireitou para ir até o rio, ela viu que estava mancando. Mesmo assim ele andava, avançando, sem baixar os olhos para o que estava sendo lançado contra eles. Elena sentiu um soluço escapar por sua garganta seca.

E agora os Outros estavam vindo de novo. O homem ferido ao seu lado se levantou com dificuldade, segurando a espada na mão esquerda, o braço direito balançando inútil. Mais além, nas margens do rio, ela viu homens e mulheres tão ou mais feridos. Todos, porém, estavam de pé e erguiam suas espadas. Com amor, com uma sensação de orgulho que quase doía, Elena viu que os Andarilhos da Noite não estavam recuando. Nenhum deles. Estavam prontos para defender sua posição ou, pelo menos, tentar. Alguns morreriam ali, ela sabia. Muitos.

Donar veio para seu lado e Elena se encolheu ao ver a expressão em seu rosto pálido.

— Não — disse ele. — Isso é loucura. Precisamos recuar. Não temos escolha. Se perdermos muitos hoje, será pior na próxima primavera. Eu *tenho* que lutar por mais tempo, torcendo para que algo seja capaz de reverter a situação.

As palavras pareciam sair arranhando sua garganta e Elena sentiu as lágrimas começarem, tanto de exaustão como de todo o resto. E, mesmo enquanto assentia, do abismo de seu cansaço, tentando fazer com que Donar visse que compreendia, que apoiava, tentando aliviar a crueza da dor dele, mesmo enquanto os Outros se aproximavam, triunfantes, horrendos, descansados, percebeu que Baerd não estava com eles. Virou-se para o rio, procurando por ele. Foi quando viu o milagre começar.

Ele nunca teve dúvida alguma, nenhuma mesmo. Desde o momento em que a figura envolta em névoas apareceu na colina escura, Baerd soube o que era. De alguma forma estranha, ele soubera mesmo *antes* de a imagem aparecer. Percebeu que era por isso que ele estava ali. Donar podia não saber, mas tinha sido por isso que o Ancião sonhara com um estranho que chegaria, por isso que os passos de Baerd tinham-no levado até onde Elena vigiava a escuridão. Parecia ter sido há muito tempo.

Não podia ver o vulto claramente, mas não importava, realmente não. *Sabia* o que estava acontecendo. Era como se todas as tristezas, lições e dificuldades da vida, da sua e de Alessan, tivessem-no levado até o rio sob aquela lua verde, para que alguém soubesse exatamente o que aquela figura na colina era, para que soubesse a natureza de seu poder. O poder ao qual os Andarilhos da Noite eram incapazes de resistir por não compreenderem.

Ouviu algo bater na água atrás dele e soube, por instinto, que era Mattio. Sem se voltar, entregou-lhe sua estranha espada. Os Outros — os ygratheanos de seus sonhos e de seu ódio — se agrupavam novamente na margem oeste.

Ele os ignorou. Eram apenas ferramentas. Naquele momento, não tinham a menor importância. Havia sido derrotados pela coragem de Donar e dos Andarilhos; apenas aquela sombra importava, e Baerd sabia o que era preciso para lidar com ela. Não a habilidade com lâminas, nem mesmo com aquelas espadas de grão. Estava além disso.

Respirou fundo e levantou as mãos, voltando-as para a figura amortalhada na colina, exatamente como ela estava apontando para eles. E

com seu coração cheio, transbordando com a velha mágoa e com uma nova certeza — ciente de que Alessan diria melhor, mas sabendo que aquela tarefa se tornara sua, sabendo o que precisava ser feito —, Baerd gritou alto, na estranheza daquela noite:

— Vá embora! Não temos medo de você! Eu sei o que você é e onde está o seu poder! Vá embora ou direi o seu nome agora e farei com que perca a sua força. Nós dois sabemos o poder dos nomes nesta noite!

Gradualmente os gritos roucos diminuíram no outro lado e os murmúrios dos Andarilhos sumiram. Tudo ficou muito quieto, mortalmente quieto. Baerd podia ouvir a respiração pesada e dolorosa de Mattio logo atrás de si. Não olhou. Esperou, contendo-se para não adentrar o nevoeiro que envolvia a figura na colina. E, enquanto observava, ele viu, com esperança no coração, que os braços levantados baixaram um pouco, que a névoa que escondia a ameaça se dissipara um pouco.

Baerd não esperou mais.

— Vá embora! — gritou de novo, ainda mais alto, com uma certeza retumbante na voz. — Eu disse que conheço você e é verdade. Você é o espírito dos nossos violadores. A presença de Ygrath e de Barbador nesta península. Os dois! Você é a tirania em uma terra que já foi livre. *Você é a destruição e a ruína destes campos. Você usou a sua magia no oeste para criar uma profanação, para obliterar um nome. Seu poder vem da escuridão e da sombra sob esta lua, mas eu o conheço e sei o seu nome, e, assim, todas as suas sombras devem desaparecer!*

Ele olhou e, mesmo enquanto proferia as palavras que lhe vinham à mente, podia ver que eram verdadeiras! Estava acontecendo. Podia ver a névoa se dissipando, como se levada pelo vento. No entanto, mesmo no meio da euforia, algo o conteve: a consciência de que aquela vitória era pontual, apenas naquele lugar irreal. Seu coração estava cheio e vazio ao mesmo tempo. Pensou em seu pai morrendo no Deisa, em sua mãe, em Dianora, e suas mãos caíram rígidas ao seu lado, embora ouvisse os murmúrios de esperança incrédula atrás dele.

Mattio sussurrou algo com uma voz embargada. Baerd sabia que era uma oração.

Os Outros estavam se espalhando, desorganizados, a oeste. Enquanto Baerd, imóvel, observava, as palmas das mãos viradas para cima, o coração tumultuado, outras sombras que cercavam o líder se espalhavam e começavam a sumir na beira da colina. Por um momento, Baerd pensou ter visto claramente a figura. Ele achou que era barbado, magro

e de estatura média, e ele sabia qual dos tiranos podia ser, qual tinha vindo do oeste. E, ao ver isso, algo surgiu dentro dele, como uma onda arrebatando contra sua arma.

— Minha espada! — pediu, rouco. — Rápido!

Ele colocou a mão para trás e Mattio passou a espada. Na frente deles, os Outros começavam a recuar, lentamente a princípio, mas cada vez mais rápido, até que começaram a correr. Aquilo, porém, não importava nem um pouco.

Baerd olhou para o vulto na colina. Ele viu as últimas sombras sopradas para longe e levantou mais uma vez a voz, gritando com a paixão presente em sua alma.

— *Fique!* Se você é Ygrath, se você realmente é o feiticeiro de Ygrath, quero que fique. Eu estou indo! Em nome do meu pai e do meu lar, eu vou pegar você! Eu sou Baerd di Tigana bar Saevar!

Selvagem, ainda gritando o seu desafio, seguiu em frente, pela água até sair do rio, na outra margem. A terra arruinada entrava fria como gelo em suas botas molhadas. Percebeu que entrara em um terreno em que não havia lugar para a vida, mas, naquela noite, com aquela figura à sua frente na colina, isso não importava. Não importava que ele morresse.

O exército dos Outros estava em fuga, jogando fora as armas enquanto corria. Não havia ninguém para enfrentar Baerd. Olhou novamente para cima. A lua parecia estar se pondo rápido demais. Naquele momento, era como se estivesse descansando, redonda e imensa, no topo da colina negra. Baerd viu o vulto que ali estava, destacado contra a lua verde. As sombras tinham partido e quase as via se espalhando pelas terras mortas ao redor.

Foi quando ouviu uma longa gargalhada debochada, como se respondendo ao seu nome. Era a gargalhada de seus sonhos, a gargalhada dos soldados no ano da queda. Ainda gargalhando, sem pressa, a figura sombria se virou e desceu do topo da colina, em direção ao oeste.

Baerd começou a correr.

— Baerd, espere! — Ele escutou a mulher chamada Carena gritar. — Você não pode estar nas terras devastadas quando a lua se puser. Volte! Nós vencemos!

Eles tinham vencido. Mas *ele* não, independente do que os Andarilhos das terras altas pensassem ou dissessem. Sua luta, sua e de Alessan, não estava mais perto de terminar do que antes daquela noite. O que

quer que tivesse feito pelos Andarilhos da Noite de Certo, a vitória daquela noite não fora dele, não poderia ser. Sabia disso no fundo do seu coração. E seu inimigo, a imagem do ódio entranhado em sua alma, sabia também e ria dele, fora de seu alcance, além do topo da colina baixa.

— *Fique!* — Baerd berrou de novo, sua voz jovem e perdida rasgando a noite.

Ele correu mais, acelerando sobre a terra morta, seu coração quase explodindo em busca de mais velocidade. Passou por remanescentes do exército e os matou enquanto corria, sem diminuir o passo. Eles pouco importavam, mas isso faria diferença para os Andarilhos em sua guerra no próximo ano. Os Outros se espalharam para norte e sul, longe dele e da linha que levava até a colina. Baerd chegou ao sopé e subiu direto, lutando para se manter em pé no solo frio e devastado. Então chegou ao topo com um pulo e um suspiro.

Estava no cume, exatamente onde a figura de sombras havia estado, e olhou para oeste, para os vales vazios e para as colinas arruinadas além; não viu nada. Não havia ninguém ali.

Rapidamente, se virou para o norte e depois para o sul, o peito subindo e descendo, e viu que o exército dos Outros também parecia ter derretido. Ele se voltou para oeste e então entendeu.

A lua verde havia se posto.

Ele estava sozinho naquela terra devastada, sob um arco claro de estrelas brilhantes e estranhas, Tigana não estava mais perto de voltar a existir do que antes. Seu pai ainda estava morto e jamais voltaria para ele, e sua mãe e sua irmã estavam mortas ou perdidas em algum lugar do mundo.

Baerd caiu de joelhos na colina arruinada. O solo estava gelado como o inverno. Mais gelado ainda. Sua espada escorregou dos seus dedos, subitamente insensíveis. Ele olhou para suas mãos na luz das estrelas, as mãos finas do rapaz que fora, e então cobriu o rosto com elas pela segunda vez naquela Noite das Brasas e chorou como se seu coração estivesse se partindo naquele momento, como se já não tivesse se quebrado muito tempo antes.

Elena alcançou a colina e começou a subir. Estava sem fôlego de tanto correr, mas a subida não era íngreme. Mattio agarrara seu braço quando ela entrou no rio, dissera que ela poderia morrer se estivesse nas terras

arruinadas depois da lua se pôr, mas Donar disse que estaria tudo bem. O Ancião não tinha conseguido parar de sorrir desde que Baerd fizera a figura sombria recuar. Ele tinha uma expressão incrédula e espantada.

A maioria dos Andarilhos havia voltado, feridos e exauridos, bêbados pelo triunfo, para o campo onde pegaram suas armas. Dali, seriam levados para casa antes do sol nascer. Sempre tinha sido assim.

Cuidadosamente evitando os olhos de Mattio, Elena cruzou o rio para ir atrás de Baerd. Podia ouvir a cantoria começar atrás de si enquanto prosseguia. Sabia o que iria acontecer na escuridão daqueles campos depois de uma vitória da Brasa. Elena sentiu seu pulso acelerar só de pensar nisso. Também tinha uma boa ideia de como estava o rosto de Mattio ao vê-la se afastar, entrando no rio e saindo do outro lado. Intimamente, pediu desculpas, mas não diminuiu o passo enquanto prosseguia. Na metade do caminho até a colina, começou a correr, tomada por um medo súbito, pelo homem que procurava e por ela mesma, sozinha naquela vastidão escura e vazia.

Baerd estava sentado no topo da colina, onde a figura sombria estivera parada na frente da lua que se punha antes de fugir. Levantou os olhos quando ela se aproximou, e uma expressão estranha, assustada, cruzou seu olhar por um instante na escuridão mal iluminada pelas estrelas.

Elena parou, insegura.

— Sou eu — disse, tentando recuperar o fôlego.

— Desculpe-me — disse, depois de um momento de silêncio. — Não estava esperando ninguém. Por um instante... por um instante você pareceu exatamente uma... algo que eu vi quando era um menino. Algo que mudou a minha vida.

Elena não sabia o que dizer. Ela não tinha planejado nada além de chegar ali. Agora que o havia encontrado, estava subitamente insegura de novo. Sentou-se na terra morta encarando-o. Ele a observou, mas não disse mais nada.

Ela respirou fundo e disse, bravamente:

— Você *deveria* estar esperando alguém. Você deveria saber que eu viria — ela engoliu em seco, o coração martelando no peito.

Por um longo instante, Baerd ficou muito quieto, a cabeça levemente inclinada para o lado, como se escutasse o eco de suas palavras. Então sorriu. E seu rosto, tão jovem e magro, iluminou-se, assim como seus olhos vazios e doloridos.

— Obrigado. Obrigado por isso, Elena — era a primeira vez que ele falava seu nome. O som das vozes cantando podia ser ouvido à distância. Acima deles, as estrelas estavam quase impossivelmente brilhantes contra a cúpula escura do céu.

Elena sentiu-se corar. Olhou para baixo, para longe de seu olhar firme.

— Afinal, é perigoso aqui nas terras mortas, e você não saberia. Nunca esteve aqui antes. Como nós, quero dizer. Você nem sequer sabe como voltar para casa — disse, sem graça.

— Eu tenho uma noção — respondeu, sério. — Imagino que temos até o amanhecer. E, de qualquer maneira, essas não são mais terras mortas. Nós as reconquistamos esta noite. Elena, olhe para o chão por onde você andou.

Ela se virou para olhar para trás. E prendeu a respiração, admirada, maravilhada ao ver que, pelo caminho que percorrera até a colina, flores brancas desabrochavam no que havia sido terra árida. Enquanto olhava, as flores se espalhavam em todas as direções a partir de onde passara. Lágrimas vieram aos seus olhos e transbordaram, descendo desimpedidas por seu rosto, turvando sua visão. Mas ela tinha visto o bastante. Aquela era a resposta da Terra ao que fizeram naquela noite. Aquelas delicadas flores brancas nascendo sob as estrelas eram a coisa mais bonita que ela havia visto em seus dias.

— Você fez isso, Elena. Por estar aqui — disse ele, em voz baixa. — Você precisa ensinar isso a Donar, Carena e para os outros. Quando você vence a batalha, não é apenas uma questão de manter a fronteira. É preciso seguir os Outros e espantá-los. É possível recuperar terras perdidas em batalhas de anos anteriores.

Ela estava balançando a cabeça. Ouvindo em suas palavras um eco de algo conhecido e esquecido há muito tempo.

— A terra nunca está totalmente morta. Sempre pode voltar. Não é esse o significado do ciclo das estações e dos anos? — disse ela, retomando aquela memória. Limpou suas lágrimas e olhou para ele.

Mesmo na escuridão, seu rosto estava triste demais para um momento como aquele. Ela desejou conhecer uma forma de dispersar aquela tristeza, não apenas por aquela noite.

— Isso é quase totalmente verdade, eu acho. Talvez seja verdade para as grandes coisas. As pequenas podem morrer. Pessoas, sonhos, uma casa...

Por impulso, Elena estendeu a mão e pegou a dele. Era fina e magra

e ficou na sua sem se mexer, sem resposta. À distância, a leste do rio, os Andarilhos da Noite estavam cantando músicas para celebrar e dar boas-vindas à primavera, para gritar as bênçãos da estação nas colheitas que chegariam com o verão. Elena queria, com todo o seu coração, ser mais sábia para ter uma resposta ao que estava machucando tão profundamente aquele homem.

— Se morremos, é parte desse ciclo. Voltaremos de outra forma — disse ela, mas esse era o pensamento de Donar, sua forma de falar, não a sua.

Baerd ficou em silêncio. Ela olhou para ele, mas não conseguiu encontrar mais nada para dizer que não fosse soar errado nem fossem palavras de outra pessoa. Pensando que poderia ajudá-lo se falasse, perguntou:

— Você disse que conhecia aquela figura. Como, Baerd? Você pode me contar?

Era um prazer estranho, quase ilícito, falar o nome dele. Ele sorriu para ela, de forma doce. Tinha um rosto delicado, especialmente quando tão jovem quanto naquele momento.

— O Ancião tinha todas as pistas, assim como Mattio, todos vocês. Vocês têm perdido pelos últimos vinte anos, pelo que me contaram. Donar disse que eu estava ligado demais às batalhas noturnas e passageiras, você se lembra?

Ela assentiu.

— Ele não estava totalmente errado — continuou ele. — Eu vi soldados ygratheanos aqui, mas não eram de verdade, claro. Entendo isso agora, por mais que eu quisesse que fossem. Mas eu não estava totalmente errado também. — Pela primeira vez, sua mão respondeu à pressão da dela. — Elena, o mal se alimenta de si mesmo. E os males do dia, mesmo que transitórios, aumentam o poder do que vocês enfrentam aqui nas Noites das Brasas. *É necessário*, Elena, não há outra maneira. Tudo está ligado. Não podemos nos dar ao luxo de olhar apenas para os nossos próprios objetivos. Essa foi a lição que meu amigo mais querido me ensinou. Os tiranos da nossa península prepararam um mal que vai além de quem governa em determinado ano. E esse mal se espalhou pelo campo de batalha onde vocês combatem a Escuridão em nome da Luz.

— Escuridão aumentando a Escuridão — disse ela, sem saber ao certo o porquê.

— Exatamente — respondeu Baerd. — Exatamente isso. Agora eu

entendo suas batalhas aqui, elas vão além da minha própria guerra no mundo diurno. Mas ir mais além não significa não ter ligação. Esse foi o erro de Donar. Estava diante dele todo esse tempo, mas ele não conseguia enxergar.

— E o nome? — perguntou Elena. — O que o nome tem a ver com isso?

— O nome tem tudo a ver com isso — explicou Baerd, em voz baixa. Ele tirou a mão de cima da dela e esfregou os olhos. — Os nomes têm ainda mais importância aqui, neste lugar mágico, do que no mundo em que nós, mortais, vivemos e morreremos.

Ele hesitou. Depois de um silêncio mais profundo ainda em comparação aos cantos que ouviam ao longe, ele sussurrou:

— Você ouviu quando eu disse meu nome?

Parecia uma pergunta boba. Ele gritara com toda a força. Todos tinham ouvido, mas sua expressão estava intensa demais para ela dizer qualquer coisa além de responder.

— Sim. Você disse se chamar Baerd di Tigana bar Saevar.

Movendo-se deliberadamente devagar, Baerd estendeu a mão e pegou a dela, trazendo-a aos lábios como se fosse a senhora de um dos castelos das terras altas, não a filha viúva de um carpinteiro da vila abaixo de Barso.

— Obrigado — disse ele, a voz estranha. — Muito obrigado. Eu pensei... pensei que pudesse ser diferente esta noite. Aqui.

As costas de sua mão formigavam onde os lábios dele tocaram e seu pulso ficou rápido e errático de repente. Tentando manter a compostura, perguntou:

— Não entendo. O que eu fiz?

A tristeza dele ainda estava ali, mas de alguma forma parecia mais suave, menos crua em seu rosto.

— Tigana é o nome de uma terra que foi tomada. A sua derrota é parte do mal que trouxe aquele vulto sombrio para esta colina, para todos os campos de batalha nos últimos vinte anos — disse ele, até bem calmo. — Elena, você pode não entender completamente, mas acredite em mim quando eu digo que você não poderia ouvir esse nome se eu o dissesse em sua aldeia, à luz do dia ou sob as duas luas. Nem mesmo se eu falasse tão perto de você quanto estou agora ou se o gritesse mais alto do que lá no rio.

E, então, finalmente, ela entendeu. Não aquele resumo complicado

que ele tentou contar, mas o que realmente importava para ela: a origem de sua tristeza, daquele sentimento no escuro de seus olhos.

— E Tigana é seu lar — afirmou ela. Não era uma pergunta. Ela sabia.

Ele concordou, calmo. Elena percebeu que ainda estava segurando sua mão.

— Tigana é a minha casa — repetiu ele. — É chamada de Baixa Corte agora.

Ela ficou em silêncio por muito tempo, pensando.

— Você precisa falar sobre isso com Donar antes que o amanhecer nos leve de volta. Pode ser que ele saiba alguma coisa, algo que possa fazer. E ele vai querer ajudar.

Sua expressão se alterou por um momento e então ele disse:

— Vou fazer isso. Vou falar com ele antes de partir.

Os dois ficaram em silêncio. *Antes de partir*. Elena deixou aquilo de lado o máximo que pôde. Percebeu que sua boca estava seca e seu coração ainda batia forte, quase tanto quanto na batalha. Baerd não se mexeu. Ele estava tão jovem. Quinze anos, dissera. Ela olhou para o outro lado, insegura novamente, e viu que a colina estava coberta por um tapete de flores brancas ao redor deles.

— Olha! — disse, deliciada e admirada.

Ele olhou ao redor e sorriu, um sorriso vindo do coração.

— Você as trouxe com você.

Abaixo deles e ao leste, no milharal do outro lado do rio, apenas umas poucas vozes ainda cantavam. Elena sabia o que aquilo significava. Aquela era a primeira Noite das Brasas da primavera. O começo do ano, do ciclo de plantio e colheita. E, naquela noite, haviam vencido a batalha. Sabia o que estava acontecendo entre homens e mulheres naquele campo. Acima deles, as estrelas pareciam ter se aproximado, chegando quase tão perto quanto as flores.

Ela engoliu, reunindo coragem de novo.

— Tem outras coisas que são diferentes nesta noite. Aqui.

— Eu sei — disse Baerd, suavemente.

E ele finalmente se moveu e se ajoelhou diante dela, entre todas aquelas flores brancas. Então soltou sua mão, apenas para que, com ambas, pudesse segurar o rosto dela, com tanto cuidado como se temesse que ela quebrasse ou se machucasse com o toque. Acima do trovão batendo cada vez mais alto que era seu coração, Elena ouviu-o suspirar seu

nome, como se fosse uma oração, e ela teve tempo de responder com o dele — com o nome completo dele, como um presente — antes que ele levasse seus lábios até os dela.

Ela não poderia falar depois, pois seu desejo a submergiu e levou como se — um pedaço de madeira, um fragmento de casa de árvore — carregado por uma onda grande e veloz. Mas Baerd estava com ela. Estavam juntos naquele lugar, e estavam nus entre as flores brancas que haviam acabado de nascer naquela colina.

Ela o puxou para baixo e para dentro dela, sentindo o lamento da nostalgia e uma ternura dolorosa. Elena olhou por um momento para além dele, para as estrelas luminosas, dispostas em círculo naquela Noite das Brasas. E lhe ocorreu, como um pensamento alegre e maravilhoso, que cada um daqueles diamantes que eram as estrelas tinha um nome.

Então o ritmo de Baerd mudou em cima dela, aumentando seu desejo desperto, e todos os seus pensamentos se espalharam como poeira soprada entre aquelas estrelas. Ela levantou a cabeça para que sua boca pudesse encontrar a dele e fechou os braços ao seu redor, chamando-o para perto. Fechou os olhos, e os dois deixaram aquela grande onda carregá-los para o começo da primavera.

1. Mago – Aprendiz – Livro Um
Raymond E. Feist
2. A Corte do Ar
Stephen Hunt
3. Tigana – A Lâmina na Alma –
Livro Um
Guy Gavriel Kay
4. Mago – Mestre – Livro Dois
Raymond E. Feist
5. A Filha do Sangue – Livro Um –
Trilogia das Joias Negras
Anne Bishop
6. A Espada de Shannara – Livro Um
Trilogia A Espada de Shannara
Terry Brooks
6. Tigana – A Voz da Vingança –
Livro Dois
Guy Gavriel Kay

Próximo Título

Mago – Espinho de Prata –
Livro Três
Raymond E. Feist

a sua dose diária de
fantasia, ficção científica
e horror



Já conhece a revista especializada na cultura do fantástico, da literatura ao cinema e HQs, não faltando entrevistas, ensaios e ficção? Venha descobrir em:

www.revistabang.com

Saiba tudo sobre a editora e os nossos livros em:



www.sdebrasil.com.br



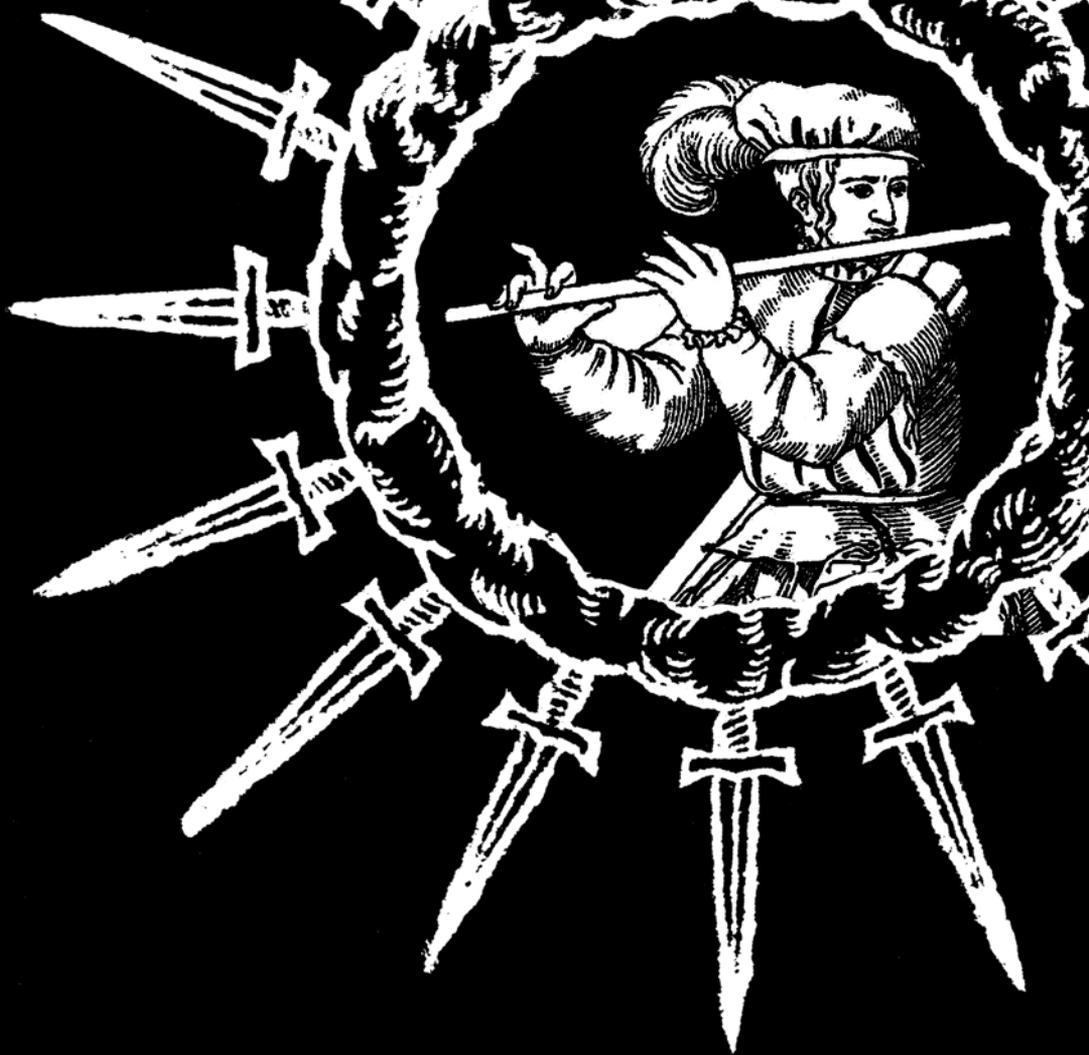
Facebook: /editora.sde.brasil



Twitter: @SdE_Brasil



Instagram: /SdE_Brasil



COLEÇÃO
BANGI!

